

Comentário a respeito do relatório do Sr. Raimundo Nonato Corrêa.

Antes de mais nada queremos manifestar a nossa perplexidade de diante do relatório do Sr. Raimundo Nonato Corrêa a respeito de nossa retirada da área Waimiri/Atroari e a respeito do nosso trabalho de alfabetização.

Motivos:

1- Tivemos uma só e rápida visita desse senhor, que por sinal, na oportunidade, nos animou e incentivou no caminho que estávamos seguindo com a escola. E quando solicitamos a sua presença -na última semana que permanecemos na aldeia, ele se negou a vir para receber a escola, da qual afinal ele era o responsável imediato.

2- Trata-se de um funcionário praticamente chegante. E proveniente de Roraima onde sofreu, (assim tentou nos convencer, durante o curto contato), exatamente as mesmas pressões que nós sofremos : pressão dos empresários, traição dos seus colegas da FUNAI e finalmente o abandono das autoridades desse órgão que de forma desleal o transferiram, alegando obedecer ao pedido dos índios... Enfim, exatamente, repetimos, o que ele mesmo agora em nome desse mesmo órgão e substituindo essas mesmas autoridades, vem transferindo sobre nós -sem originalidade alguma. Aquilo que lá, -alguns quilômetros ao Norte - do mesmo território, ele teria sofrido. O que podemos concluir -perplexos- é que o referido Sr. Nonato ou está obedecendo a esquemas ocultos, daqueles tão conhecidos nos idos de 1970-73, ou que realmente o coordenador do NAWA, é um homem grosseiro, traiçoeiro, subserviente e cínico.

3- Entretanto, há também indícios de que como chegante na área Waimiri/Atroari esteja agindo sob uma dupla paranóia. A primeira, que muitos funcionários da FUNAI sofrem ante a presença de qualquer indigenismo alternativo. E a segunda, a paranóia histórica da FUNAI, junto aos Waimiri/Atroari e que tem origem na tradicional política suja do Governo e em particular da FUNAI contra esse povo, a qual custou a vida de milhares de Waimiri/Atroari e de 24 funcionários. Essa política baseia-se no mito que considera os Waimiri/Atroari "bandoleiros, assassinos, traiçoeiros", Apoena Meirelles (O Globo, 19/10/75).

A nossa presença com 4 crianças menores de 8 anos, estava acabando com o mito da crueldade que a política da FUNAI pendurou como uma pecha maldita, nas costas desse povo. E estava revelando a verdade escondida atrás dos postos da FUNAI, alguns, verdadeiras "fortalezas" ou "trincheiras" que até hoje testemunham o tipo de armas e violência empregada contra aquele povo.

A grosseria atribuída por Nonato a Viana-líder, ^{Almeida} que teria "exigido a nossa saída de noite", contrapondo-se ao "humanismo" do funcionário da FUNAI que teria ponderado transportar-nos "apenas no dia seguinte" para fora da área; a insinuação de que a amizade que os índios manifestavam por nós, era sinal de que estaríamos sob a ameaça de ser "massacrados" pelos índios, contrapondo-se a "humanitária" ação da FUNAI de nos retirar em tempo da área; tudo isso obedece a mesma tática, tantas vezes usada pelas autoridades da FUNAI, de denegrir a imagem desses índios para acobertar a verdadeira história dos 20 anos de FUNAI junto a esse povo e sustenta a política que vai sistematicamente entregando aos interesses empresariais capitalistas o patrimônio e as próprias terras dos Waimiri/Atroari. Esses, sim, porque estão em sintonia com a FUNAI, penetram diariamente, "sem perigo", pelo território Waimiri/Atroari. Vale lembrar que o fato clássico, sempre referido pela FUNAI, é o de Gilberto Pinto que teria sido morto pelos índios apesar de ser seu maior amigo. Acontece que o mais influente funcionário da FUNAI na área, a época da morte de Gilberto e intimamente ligado ao mesmo, -José Porfírio de Carvalho - escreveu um livro no qual descarta a autoria dos índios no caso da morte desse sertanista da FUNAI e remete a responsabilidade de sua morte para algum esquema civilizado. Por quê a FUNAI nunca abriu inquérito para apurar suspeita e denúncia tão grave? Mutatis Mutandi, afirmamos igualmente que em nenhum momento nos sentimos inseguros entre os índios e não há nenhum funcionário da FUNAI em melhores condições de conhecimento da língua e dos costumes desses índios, que nos possa desdizer. E outra prova é que lá permanecemos com nossas 4 crianças pequenas, mais de uma semana após a ordem de retirada que não veio dos nossos hospedeiros índios, mas da FUNAI de Manaus, como consta dos documentos que temos em mãos. E se durante o ano e meio que permanecemos com nossa família na área Waimiri/Atroari, sentimos alguma insegurança ou intranquilidade, essa se deve exclusivamente ao clima de chantagem, deduragem, e por vezes até de terror reinante na FUNAI. Clima esse que não se expressa apenas por documentos visíveis como os anexos, mas por toda uma política suja e que não se restringe apenas a nós. Temos presenciado como um estagiário da FUNAI, candidato a chefe de posto, foi tratado, durante aproximadamente 3 meses como escravo, a quem se dava diariamente trabalho e não se dava sequer a comida. Nós o acolhemos durante aqueles dias a nossa mesa e finalmente lhe adiantamos os recursos para que pudesse retornar à sua família.

De acordo com o relatório do Coordenador do NAWA, Raimundo Nonato Corrêa, o "fator principal para a decisão tomada pelos líderes indígenas de não mais permitirem a presença do Sr. Egydio. (foi) o episódio verificado (...) quando chegou um grupo de alemães no PV Terra-planagem" e "o Sr. Egydio entrou na conversa e começou a falar

na língua dos visitantes, tendo procurado influir na decisão do líder Viana que ameaçou colocar os visitantes para fora da Aldeia na marra, já que os mesmos após a interferência do Sr. Egydio, recusaram-se a sair, tentando de alguma forma convencer os índios a deixarem que eles fizessem algum tipo de documentário mesmo que fosse das instalações da FUNAI, ou ao menos uma entrevista com o Sr. Joseph Hill que na ocasião estava trabalhando na construção de sua residência. Foi criado um clima de intranquilidade, e mais uma vez recebemos reclamação dos líderes indígenas".

.Essa acusação, a principal, de acôrdo com Nonato, denuncia por si só as bases e o tipo de acusações levianas da FUNAI. Senão vejamos:

1- Enquanto estivemos na Aldeia Yawará, nem a aldeia e nem o posto Terraplenagem foram visitados por um grupo de alemães.

2- Efetivamente por volta de outubro de 1986 um grupo de holandeses visitou o posto Terraplenagem. É possível que o Relatório de Raimundo Nonato se refira a esse grupo.

3- Na oportunidade, como nenhum ^{dos visitantes} ~~deles~~ falava português, mas falavam alemão, como único falante local da língua alemã, fui, por diversas vezes solicitado, ora pelo líder Viana, ora pelo chefe do posto, ora pelos visitantes a prestar-lhes o serviço de tradutor. Obviamente, coube-me o ofício de procurar traduzir fielmente as idéias, opiniões e resoluções de cada um. Foi o que tentei fazer. Aliás, o funcionário local da FUNAI foi o primeiro a me agradecer esse serviço.

4- A atitude do Sr. Nonato, que na oportunidade se encontrava, no mínimo, há 40 m de Terraplenagem, de imaginar que eu tenha procurado influir nos visitantes contra a decisão de Viana e de me acusar de ter interferido na conversa é uma grosseira vilania que precisa ser provada. Não houve sequer pessoa em condições de levantar tal suspeita, já que ninguém, afora eu, conhecia as duas línguas (português e alemão). E, se por acaso, Viana, (aliás com muita razão, pois tantas vezes foi enganado pela FUNAI) tivesse levantado suspeita tão absurda, cabia a Nonato, antes de colocá-la no papel, como acusação principal, contra nós, consultar o chefe de posto Terraplenagem, Sr. Álvaro Neto, que acompanhou toda a visita daqueles holandeses.

Nonato nos acusa de que "víamos catástrofes e tragédias em tudo" e que passávamos aos índios "fatos que em sua maioria são sonhadores e fantásticos..." Desafiamos o Sr. Coordenador do NAWA a provar que tenhamos passado um só fato inverídico aos índios. Aliás, os fatos ocorridos durante os 20 anos de FUNAI na área Waimiri/Atroari e sobretudo os dos últimos anos, sempre sob a responsabilidade da FUNAI, ("Ins

tituição Federal para atender as necessidades e objetivos da sociedade indígena") muito bem mereceriam a qualificação de catastróficos, verdadeiras tragédias. O Sr. Nonato, ao que parece, pouco conhece da história Waimiri/Atroari e sequer o que os seus antecessores -um dos quais até guindado à Presidência da Funai, deixaram escrito a respeito dos acontecimentos na Reserva Waimiri/Atroari, nos últimos anos. Apoená Meireles qualificou de "estarecedores" (A Crítica 13/04/75) esses acontecimentos e ainda em 1982 lia-se no próprio gabinete do Coordenador do NAWA essa dedicatória: "Homenagem aos inumeráveis e anônimos Waimiri/Atroari decepados pela cobiça e ganância dos civilizados".

- O desaparecimento de mais de 2.500 Waimiri/Atroari em apenas 20 anos de Funai, "ocultados" (pela Funai) no silêncio da mata" -parafraseando Apoená Meireles.

- Uma estrada que rompeu contra as leis do país o território desse povo aniquilando as aldeias que estavam a sua frente;

- pelo menos 12 aldeias desapareceram, nove das quais onde hoje se erguem as atividades predatórias e saqueadoras da Mineração Paranapanema ou Taboca;

- Um terço da Reserva Waimiri/Atroari foi desmembrado ilegalmente para favorecer a mesma Mineração Paranapanema e o futuro lago da Balbina;

- Uma estrada particular, controlada por uma empresa particular de segurança, "vigia" toda a parte da Reserva a Leste da BR-174, em benefício não dos índios, é claro, mas da Paranapanema;

- Uma rede de pedidos de alvarás para pesquisa e lavra, alguns já concedidos pelo DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), se sobrepõe a maior parte da área Waimiri/Atroari, incluindo diversas aldeias, até aquela onde trabalhamos, solicitada pela BRASCAN, uma multinacional de origem canadense;

- A aplicação criminosa de super-doses de vacina aplicadas a 14 índios Waimiri sob a responsabilidade da FUNAI.


Esses são alguns fatos ocorridos na área Waimiri/Atroari, enquanto essa estava sob inteira responsabilidade da FUNAI "Instituição Federal para atender as necessidades e objetivos da sociedade indígena", de acordo com Benedito Machado.


Outra prova da leviandade do relatório do representante da FUNAI, Sr. Raimundo Nonato, afirma Nonato, que os padres Nilvo e Vítório, da paróquia de São Luís do Anauá, haviam feito pedido para visitarem periodicamente as aldeias jurisdicionadas aos Postos Terraplenagem e Jundiá".

Ora, em contato pessoal com esses padres soubemos que os mesmos nunca pediram tal autorização. Desde 1981 eles vem fazendo pe-

riodicamente visitas aos seus paroquianos, não discriminando dessas visitas os funcionários da FUNAI dos citados postos. Nestas visitas aos funcionários os padres sempre tiveram o melhor dos relacionamentos com os índios, os quais, toda a vez lhes pediam ou diretamente ou através dos funcionários da FUNAI que os levassem em sua condução a algum campo de caça na BR-174, coisa que nunca lhes foi negada. Durante a sua última visita os padres encontraram casualmente o Sr. Sebastião Amâncio o qual usou de sua costumeira grosseria, sem procurar informar-se da histórica presença daqueles padres ali e do serviço religioso que prestavam aos funcionários e exigiu dos mesmos autorização explícita sua. É possível, que, baseado nessa atitude, o senhor Nonato, - imaginou que os padres tenham pedido autorização, julgando-os cumpridores de ordens cegas igual à êle. Aliás, a proibição aos padres Nilvo e Vitélio de visitarem os funcionários da FUNAI tem a mesma raiz que a nossa retirada. Ou seja, a manipulação dos índios, atribuindo-lhes atitudes grosseiras que eles jamais tiveram para com aqueles padres.

Presidente Figueiredo, 26/03/1987.


Egydio Schwade


Doroti Alice Müller Schwade